

CONCEITO DE ANIMAIS E SEUS ESPÍRITOS EM RELAÇÃO A DOENÇAS E CURAS ENTRE OS ÍNDIOS KAYAPÓ DA ALDEIA GOROTIRE, PARÁ.

Darrell A. Posey¹
Elaine Elisabetsky²

RESUMO. Os Kayapó do Posto Indígena Gorotire (7°48'S 51°7'O), Sul do Pará, mantêm seu sistema de medicina tradicional apesar de muitas décadas de contato com a medicina ocidental. Este artigo apresenta brevemente alguns dos seus principais conceitos de doenças, sua classificação de doenças e a relação dessas doenças com os animais e seus espíritos (mry karõ). Acredita-se entre os Kayapó, que as plantas façam a mediação entre espíritos animais e o espírito humano que é afetado por doenças. Assim, animais e plantas estão ligados a doenças humanas que, como aqui se sugere, também têm função no controle do comportamento social e em mecanismo de manejo ecológico.

PALAVRAS-CHAVE: Etnozootologia, Índios Kayapó, Etnomedicina.

ABSTRACT - The Kayapó Indians of Gorotire Village, Pará, Brazil, maintain their traditional system of medicine despite several decades of contact with Western medicine. This paper presents a preliminary analysis of their principal disease categories, including a classification of animals (mry) and their disease-causing spirits (mry karõ). Plants are thought to mediate between human and animal spirits, thereby linking medicinal plants with the restoration of health and the manipulation of animals and their spirits. It is suggested that these relationships could also function as mechanisms for social control as well as ecological management.

KEY WORDS: Ethnozoology, Kayapó Indians, Ethnomedicine.

¹ Museu Paraense Emílio Goeldi - Programa de Etnobiologia. Caixa Postal 399, CEP 66040, Belém-PA
² Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Deptº de Farmacologia, Instituto de Biociências. Caixa Postal 5072, CEP 90041, Porto Alegre-RS.

INTRODUÇÃO

A aldeia de Gorotire é a maior (cerca de 700 pessoas) das aldeias da atual nação Kayapó (*Mebêngôkre*). Gorotire tem tido enfermeiras missionárias e da FUNAI e/ou médico servindo periodicamente a aldeia desde 1939. Mesmo assim, os índios têm mantido seu sistema de medicina tradicional e continuam a coletar, cultivar e usar uma grande variedade de plantas medicinais (Anderson & Posey 1985; Bamberger 1967). Para os Kayapó, as classes mais gerais de doenças são: 1) as suas (*Mebêngôkre nhô kanê*), que devem ser tratadas com seus próprios remédios e 2) as dos brancos (*kuben nhô kanê*) melhor tratadas pelos remédios dos brancos. Os índios insistem que, antes da chegada das doenças dos brancos, as pessoas somente morriam de morte natural, em idade avançada: não havia epidemia ou doenças fatais incuráveis. A chegada dos brancos trouxe não somente epidemias e muitas doenças, mas também causou um enfraquecimento geral nos índios, permitindo que suas próprias doenças se tornassem mais fortes e causassem morte.

A fé nos curandeiros tradicionais (*me kute pidjà mari e wayangá*) foi indubitavelmente afetada durante os surtos de doenças européias; no entanto, a medicina indígena ainda mantém a formação dos curandeiros como especialistas de doenças (*wayangá*) conhecedores de plantas medicinais (*me kute pidjà mari*). Embora nenhum dos grandes, todopoderosos Xamãs (*wayangá kumrenx*), tenha permanecido em Gorotire (o último morreu em 1965), aproximadamente 5% da população é considerada Xamã (*wayangá*) e outros 26% da população é considerada como especialista em alguma(s) planta(s) medicinal(ais) e sua(s) doença(s) relacionada(s). O conhecimento para os Kayapó não é uma unidade homogênea, mas uma complexa rede de informações interligadas, dominada por indivíduos.

Freqüentemente o conhecimento especializado, incluindo o reconhecimento de doenças e/ou suas curas através de plantas, é herdado e pertence a um grupo particular, como por exemplo no caso das plantas anticoncepcionais (*me kra ket djà*) (Elisabetsky & Posey 1989). Em muitos casos tal conhecimento especializado é secreto, o que complica ainda mais a tentativa dos pesquisadores de reconstruir o sistema medicinal "completo" dos Kayapó. Este artigo preliminar se propõe a apresentar somente algumas das idéias gerais dos conceitos Kayapó de doenças e curas, relacionadas com suas noções sobre espíritos humanos e animais.

METODOLOGIA

O Trabalho de Posey em Gorotire começou em 1977 e guiou a formulação dos objetos de pesquisa para o projeto Kayapó, do qual esse trabalho é um dos resultados. Duas viagens à aldeia (cada uma de aproximadamente um mês) foram feitas em novembro de 1983 e abril de 1984. Viagens diárias dos pesquisadores ao campo foram feitas para coletar plantas medicinais³. Pelo menos um dos nossos principais informantes (Kwyrá ká, Beptopoop e José Uté, os dois primeiros xamãs, e Uté, conhecedor de plantas medicinais) nos acompanharam em todas as excursões. Os dados foram coletados no campo; as espécies foram levadas para a aldeia, onde, cada uma, foi mostrada aos informantes para completar e detalhar os dados etnográficos. As idéias gerais de doenças e curas foram adquiridas através desse procedimento: sessões noturnas foram geralmente devotadas exclusivamente à investigação mais detalhada destes conceitos gerais.

ESPÍRITO DE ANIMAIS, PLANTAS E DOENÇAS

A doença para os Kayapó é o resultado do desequilíbrio de energia ou, colocado inversamente, a saúde é caracterizada pelo equilíbrio harmonioso de todas as energias cósmicas (Posey 1982:91). Lukesch (1976: 78, 84), estabelece claramente as relações entre os espíritos de animais e causas de doenças: a “força” dos animais (seus espíritos ou “*karō*”) provoca a “destruição da relação harmônica entre homens e animais”. “Existência”, segundo Lukesch (1976:240), é uma luta eterna “dos sobrenaturais e mortais” para preservar uma harmonia energética. Segundo Banner (1957: 81), uma grande ave mandou a primeira doença para castigar a humanidade por não ter respeitado os animais. Lukesch (1976: 193) relata que na Aldeia Gorotire foi dito que a “influência maléfica” dos animais, incluindo peixes, aves e mamíferos, é “caracterizada pelo aparecimento de doenças”. A idéia de espíritos enquanto causadores de doenças não é exclusiva entre os Kayapó, aparecendo em inúmeros grupos indígenas (Wassén 1979), como por exemplo, entre os Wayãpi (Grenand & Grenand 1981/2); (Gallois 1988).

O pajé Kayapó, ou *wayangà*, é o “portador” das relações entre as energias, como “sacerdócio real, caracterizada essencialmente pela mediação entre as divindades e seres sobrenaturais, de um lado, e os homens, do outro...” (Lukesch 1976: 240). Assim, o *wayangà* serve como

³ As plantas foram coletadas pelo botânico Dr. Anthony B. Anderson e seu auxiliar Carlos Rosário, e subsequentemente identificadas e depositadas no herbário do Museu Paraense Emílio Goeldi (Belém, PA).

mediador entre o sobrenatural e a sociedade. Métraux (1973: 95), analisando conceitos médicos de vários grupos indígenas da América do Sul chega a generalizar que “o tratamento xamanístico é essencialmente uma luta contra os espíritos”.

A “natureza” do ser humano é composta da parte física, o *kà* (ou casca), e a parte espiritual, *karō* (ou bola de energia). O *karō* pode deixar o *kà* em várias circunstâncias, incluindo o susto, o sonho, uma queda, transe rituais, o parto ou as doenças. Quando isto ocorre, o *kà* é deixado vazio e pode ser invadido por energias alienígenas de animais (*mry karō*) de xamãs maléficis (*wayangà karō*) ou/de pessoas mortas (*me karō*). Se esses *karō* não são expelidos, o espírito será parcialmente ou totalmente perdido e a pessoa adoecerá ou morrerá. É a sabedoria dos xamãs que, sabendo como manipular os *karō*, dá-lhes seu poder curativo. Ele precisa, em primeiro lugar, evitar que o espírito fique muito distante do *kà*; então, reconhecer qual dos possíveis *karō* realmente invadiu o corpo; finalmente, deve expelir a energia alienígena e ajudar o espírito perdido a retornar ao seu hospedeiro.

Os *wayangà* são especialistas no trato com os *karō* porque eles próprios se tornaram xamãs, deixando seus corpos e fazendo uma grande viagem para o leste, até uma dimensão de diferentes energias espectrais (Posey 1982b). Nesta dimensão, ou reino, o xamã encontra diferentes níveis de energia, cada um associado com o espírito específico de animal. O espírito do *wayangà* aprende a “falar” com o animal, ou animais, e volta para o seu corpo num estado iluminado. Ele (ela) torna-se capaz de manipular o(s) espírito(s) do animal(ais) e suas respectivas energias, e assim reconhecer as causas e curar as doenças associadas com cada animal. Isso é feito com o uso de rituais específicos e/ou preparações de plantas medicinais.

As plantas, com uma exceção, não têm espírito próprio⁴. A exceção é a *pitú*, uma planta tão poderosa que mesmo o fato de vê-la ou estar perto dela pode causar doenças ou morte. A palavra *Pitú*, refere-se a uma categoria êmica de tubérculos; apenas *Pitú kumrex* (“verdadeiro *pitú*”) tem espírito próprio com poderes sobre a saúde/doença. Obviamente fomos incapazes de achar informantes que nos mostrassem essa planta.

As plantas têm capacidade de mudar o estado do *kà* modificando sua resistência a ataques de espíritos e doenças, ou de ajudar a reencapsular o espírito que está vagando. As plantas podem também repelir entidades espirituais indesejáveis. Assim, as plantas e as preparações à base de

⁴ A existência de algumas árvores possuidoras de espíritos foi relatada por Lukesch (1976:97), mas não confirmada em nosso trabalho de campo.

plantas, são usadas para reestabelecer a harmonia da natureza, eliminando o desequilíbrio entre os espíritos humanos e animais.

É importante frisar que nem todas as doenças são causadas pela invasão de espíritos. Um vasto rol de doenças não espirituais foi registrado. As doenças não espirituais podem ser tratadas por especialistas em cura que não são xamãs; esses especialistas, chamados de *me kute pidjã mari* (conhecedores de plantas medicinais), conhecem certas plantas e suas propriedades terapêuticas. Esses especialistas são geralmente consultados em primeiro lugar nas doenças amenas; se suas curas não surtem efeito, assume-se que a doença é causada por espírito e tem que ser tratada por xamãs. Vários *me kute pidjã mari* são consultados antes que uma pessoa procure um xamã, e mais de um xamã pode ser consultado até que se reconheça o espírito culpado. Além disso, como é comum em sistemas de medicina popular (Elisabetsky 1986), o conhecimento de várias doenças e suas curas é de domínio comum, podendo ser usado e transmitido por qualquer pessoa da comunidade.

CATEGORIAS DE DOENÇAS

Segundo Foster (1976), o fato mais importante sobre a doença na maioria dos sistemas médicos não é o processo patológico subjacente (como se processa a doença) e sim sua causa (etiologia). Os sistemas médicos devem por isso ser analisados segundo suas causas, por ser essa a variável independente. Segundo as etiologias usadas, os sistemas médicos podem ser classificados como personalísticos e naturalísticos. Um sistema médico personalístico aceita como causa da doença a intervenção ativa de um agente, seja ele humano, não humano ou sobrenatural. Nesses casos, o xamã é responsável primariamente pelo diagnóstico, ou seja, descobrir quem (ou o que) e por que agiu contra seu paciente. O diagnóstico é normalmente feito sob transe e o tratamento em si é secundário, podendo ser feito por outra pessoa que não é xamã. Em sistemas médicos naturalísticos, são aceitas como causas de doenças, forças ou condições naturais (frio, calor, vento, alimento, etc). O xamã é procurado para o diagnóstico e o tratamento em si, agindo como especialista em ervas; o diagnóstico é muitas vezes conhecido do próprio paciente, capaz de relacionar sua condição a algum fato ocorrido recentemente em sua vida (por exemplo, a ingestão de algo). Como é comum em outras áreas de conhecimento Kayapó, categorias intermediárias e sobrepostas são encontradas também em seu sistema médico, com características personalísticas e naturalísticas.

Baseando-se em conceitos elaborados por Foster (1976), tentamos classificar as doenças dos Kayapó segundo as etiologias por eles indicadas.

Podemos distinguir as seguintes categorias principais: 1) doenças não relacionadas a espíritos e 2) doenças causadas por espíritos.

A palavra *kanê* refere-se à doença enquanto que *kanè* refere-se a remédios ou tratamentos. Assim, *tep kanê* é a “doença de peixe” enquanto *tep kané* refere-se ao remédio ou tratamento usado para esta doença.

1. DOENÇAS NÃO RELACIONADAS A ESPÍRITOS

1.1. - A Tabela 1 mostra uma lista de animais caçados e, em alguns casos, comidos pelos Kayapó. Podem surgir doenças causadas pela ingestão da carne desses animais por estar deteriorada, pela maneira incorreta de preparo, cozimento e/ou armazenamento.

1.2. - A Tabela 2 relaciona as doenças causadas direta ou indiretamente pelos animais. Podemos dividi-las em três sub-categorias:

a) doenças causadas por picadas ou ferroadas de animais (cobra, arraia, etc.)

b) doenças causadas pela ingestão de comidas previamente adulteradas pelos animais (Ex. *Rop ja my krā ti kanê*: doença de raposa (cachorro do mato) a raposa urina na bananeira e a pessoa adocece por comer esta banana estragada).

c) doenças transmitidas pelo contato com a urina, fezes, pêlos ou ossos de animais (Ex. *kunum kanê*: doença de capivara: as fezes da capivara dão coceira no corpo).

1.3. - Doenças específicas: caracterizadas por um nome particular, que pode descrever o sintoma principal, o local da doença, etc. A Tabela 3 lista algumas dessas doenças.

1.4. - Doenças causadas pela ingestão excessiva de comida ou fumo. A Tabela 4 se refere a essas doenças.

2. DOENÇAS CAUSADAS POR ESPÍRITOS

2.1. - A Tabela 5 relaciona os animais que só podem causar doenças através de seus espíritos. A carne não é comida em alguns casos; em outros, se comida não pode fazer mal. Podemos hipotetizar que esses são animais especialmente protegidos e, de fato quase todos são animais de alta importância na mitologia da tribo.

Também encontramos outras categorias de doenças, cujos representantes não são agrupados segundo sua etiologia. São elas:

a) Doenças caracterizadas pela semelhança entre um sintoma

marcante da moléstia e um característica do animal. Assim, a doença de jabuti, refere-se à dor articular, que faz com que a pessoa movimente seus braços ou pernas como faz o jabuti; a doença de anta se refere à menstruação excessiva, que lembra o forte urinar de uma anta; a doença do tamanduá se refere ao vitiligo, cujas marcas brancas na pele lembra as de um tamanduá; a pele do sapo se parece à pele seca de uma pessoa que tem doença de sapo; a doença de galinha se refere a pruridos na cabeça, trazidos pelos brancos que introduziram também a galinha; a doença de boi se refere a um tipo de ferida tão dolorosa que a pessoa grita de dor, um grito parecido com o som emitido pelos bois; a doença de veado se refere a uma síndrome onde há contração espástica dos membros lembrando um veado ferido. A Tabela 6 relaciona tais doenças.

b) Doenças de cachorro: O cachorro é o principal animal domesticado pelos índios Kayapó. É usado para vigiar as casas e caçar. Os índios têm um sistema medicinal elaborado para seus cachorros. Na Tabela 7 apresentamos apenas alguns exemplares destas doenças. São diagnosticadas quando os cachorros têm dificuldade em caçar um determinado animal. Os remédios são aplicados no nariz do cachorro para melhorar o olfato ou são misturados com tinta de urucu (*Bixa orellana*) para pintar o animal. Essas plantas poderiam, por exemplo, ter odores atrativos para o animal que se quer caçar, impedir que outros odores, que não o do animal procurado, desviem a atenção do cachorro ou ainda fazer parte de um processo de aprendizado baseado na associação que pode ser feita pelo cachorro entre uma determinada planta (por seu cheiro) e o animal desejado.

c) Doenças de plantas: As plantas são consideradas doentes quando, acometidas por praga, apresentam crescimento retardado ou têm baixa produtividade. Os índios fazem preparações ("remédios" ou *pidjã*) a partir de outras plantas que podem ter ação fertilizante ou pesticida. A Tabela 8 relaciona algumas destas doenças.

MODO DE PREPARO E POSOLOGIA

Os Kayapó dão informações precisas quanto ao modo de preparo e posologia de seus remédios. A Tabela 9 relaciona os diferentes modos de preparo e a Tabela 10 as diferentes vias de administração. Cada tratamento é indicado para um certo número de dias e o remédio deve ser administrado de uma a cinco vezes por dia, segundo a indicação do xamã ou do conhecedor daquela planta medicinal. Os Kayapó têm noção de doses, indicando as menores para bebês, as médias para crianças e as maiores para adultos. Cada xamã parece ter preferência por determinadas vias de administração e modos de preparo de seus remédios. Os Kayapó

dizem que seus remédios nunca fazem mal e têm o cuidado de avisar quando o remédio é muito forte, devendo por isso ser ingerido em pequenas doses.

CLASSIFICAÇÃO DE DOENÇAS E ANIMAIS PELOS KAYAPÓ

Dois dos grandes grupamentos de animais reconhecidos pelos Kayapó são: 1) os peixes (*tep*) e 2) as aves (*hàk* e/ou *kwên*) [veja Petrere (no prelo) para peixes e Oren (no prelo) para aves]. Além disso, esses animais são classificados em várias categorias, que têm por base a semelhança dos animais em um ou mais dos seguintes aspectos: morfologia, cheiro, pêlo, dentes, textura da carne, rastro. Também os sintomas associados às doenças relacionadas a cada animal podem determinar a inclusão dos animais nessas categorias, caracterizando os grupos mais abrangentes como “famílias” (*ombikwà*) de animais e doenças.

Segundo um dos nossos principais informantes, Kwyrà kà, existem as seguintes famílias:

a) *Hàk/Kwên* - doenças de aves e pássaros, com sintomas de tontura e diarreia;

b) *Angrô/Angrôre* - doenças de porco do mato e queixada, com sintomas de vômito, bruxismo (ranger os dentes) e sons emitidos pelos doentes que se parecem com os sons dos animais em questão;

c) *Rop* - doenças de cachorro e onças, com sintomas de tontura e comportamento alterado (*eijbam*);

d) *Tep* - doenças de peixes, com sintomas de diarreia, corpo amarelo e dores generalizadas;

e) *Maja* - doenças de insetos, com sintomas de formigamento;

f) *Kaprà* - doenças de tartarugas e jabutis, com sintomas de dor articular;

g) *Ngijadjy* - doença de veado, com sintomas de tontura, boca torta e pescoço duro;

h) *Nê* e *Kunun* - doenças de ariranha e capivara (são ombigua porque moram à beira dos rios e mergulham), com sintomas de coceiras e aparecimento de “caroços” na pele;

i) *Kangã* - doenças de cobra, que afetam uma das pernas da pessoa causando problemas de locomoção (“as pessoas andam como aleijadas”);

j) *Makre, Wet, mryrykreryti* - doenças de escorpião, lacraia e centopéia (todos animais que têm ferrão), com a presença de movimentos espásticos

(solavancos no corpo) e fala alterada;

k) *Kubyt, Pât kak, Pât-tê* - doenças de guariba, tatuzinho e tatupeba (todos animais que têm a mesma qualidade de carne e cheiro), com sintomas de coceira e tontura;

l) *Totn, Wacôn, Kukein, Kukoire* - doenças de tatu, cutia, paca, macaco (todos com os mesmos tipos de dentes, pêlo e cheiro), com sintomas de fraqueza e corpo quente;

m) *Mekarô* - doenças de espírito, com sintomas de surdez, estados de inconsciência e comportamento alterado. Tradicionalmente, os Kayapó classificavam os não-Kayapó (kuben) na mesma família dos macacos. Por isso, as doenças relacionadas a espíritos de kuben eram classificadas junto com as doenças dos animais.

DOENÇAS COMO FORMAS DE CONTROLE SOCIAL E ECOLÓGICO

Embora não tenhamos estatísticas sobre a freqüência dos vários tipos de doenças ou a porcentagem de cada uma das categorias acima mencionadas, é possível afirmar que as doenças relacionadas com espíritos são consideradas, pelos Kayapó, como as mais graves, difíceis de tratar; portanto, inspiram mais temor. A invasão do corpo por espíritos sempre ocorre quando o corpo e/ou o espírito estão fracos. A fraqueza é associada com dois padrões de atividade: 1) comportamento anti-social e 2) caça inadequada.

O comportamento anti-social é um assunto complexo, pois o comportamento em si mesmo é sempre uma área complexa nas sociedades Jê (Turner 1965). Algumas das maiores ofensas para os Kayapó de Gorotire, é o "mal falar" (*Kaben punù*) sobre outros, o relacionamento sexual com parceiros não permitidos, a dificuldade em repartir com os parentes, tomar de não parentes, perder a calma, consultar espíritos ou xamãs maléficos. Tais comportamentos vêm causar desarmonia e resultar em fraqueza, deixando a pessoa vulnerável à invasão de espíritos e doenças.

Da mesma forma, a fraqueza, pode ser o resultado do desrespeito ao espírito de um animal. Canções específicas são cantadas antes da caça para cada tipo de animal; essas canções servem para avisar ao espírito do animal da caça iminente. Canções executadas depois de uma caçada bem sucedida são específicas para a espécie caçada e têm a função de ajudar a apaziguar o espírito do animal separado de seu corpo. Caçar sempre oferece risco para o caçador, que pode ser atacado, por vingança, pelo espírito do animal. O *mry karô* entra no corpo do caçador sob a forma de um pêlo (*mry ki*) ou osso (*mryo'i*), que cresce até tomar conta do corpo

todo. Animais especialmente atraentes, gordos e bonitos, são considerados os mais perigosos. Espíritos de animais solitários, ou de baixa densidade populacional, são considerados os mais poderosos. Grande densidade de animais indica muitos espíritos de animais, mas de poder relativo individual menor; portanto, oferecem menor risco. Caçar porcos selvagens, que surgem em grandes bandos, é menos perigoso que caçar uma onça, esparsamente distribuída. Da mesma forma, a caça excessiva numa mesma área causa acúmulo de espíritos de animais e concentra o risco.

As doenças, portanto, podem funcionar tanto como mecanismo de controle social, como mecanismo de controle ecológico. O medo da invasão de espíritos, resultante do comportamento anti-social e sua conseqüente fraqueza, encoraja a observância das regras sociais. Da mesma forma, o medo dos espíritos enraivecidos pela caça excessiva, ou o abuso ritual, serve para distribuir a caça e estimula a exploração das espécies mais numerosas. O costume de evitar a caça dos animais mais “bonitos” pode servir como um tipo de mecanismo de seleção genética: a proteção desses animais fenotipicamente superiores pode, ao longo do tempo, melhorar as populações de animais na área da aldeia. Como foi mostrado (Posey 1984a), os Kayapó de Gorotire praticam o manejo da caça em combinação com o manejo de florestas secundárias. Velhas roças ou capoeiras, os lados da trilha, clareiras naturais ou artificiais da floresta, e “ilhas” de florestas nos campos, são todas extensivamente manipuladas pelos índios, para aumentar tanto a diversidade de espécies quanto a produtividade, numa estratégia de reflorestamento a longo prazo. Uma variedade considerável de espécies produtoras de frutos é plantada nessas áreas, e acaba por criar verdadeiros pomares (Anderson & Posey 1985), com o objetivo expresso de fornecer comida para as pessoas e para a caça, estimulando o crescimento de populações silvestres na área da aldeia. Estas assim chamadas “fazendas de caças/pomares” (Posey 1984b) parecem ser uma parte antiga da sociedade Kayapó. Combinadas com a caça seletiva, provavelmente melhoraram consideravelmente a qualidade de animais para a caça disponível para os Kayapó.

Os conceitos de doença podem também fazer parte da elaboração de normas sociais, que visam à distribuição da caça entre as várias faixas etárias; o sintoma principal ou mais imediato das doenças de animais se manifesta com maior severidade nas crianças ou lactentes cuja mãe ingeriu a caça; a criança ou bebê fica então com diarreia e/ou “chora à noite inteira” (cólicas?). Por isso, determinadas caças são proibidas para determinadas faixas etárias, (ex. famílias com crianças em fase de amamentação) e liberadas para outras (ex.: só velhos ou velhos e

solteiros) (Tabela 1). Nem pai nem mãe comem a caça proibida, o que pode refletir uma forma de evitar que a caça entre na dieta da família como um todo, facilitando também a não ingestão da caça pela mãe, já que os Kayapó entendem ser o leite materno o veículo da doença. Mesmo assim, o pai caçador, deve tomar uma série de precauções para que sua criança não adoça; é comum a necessidade de o pai ter que lavar as mãos com uma determinada planta quando caça um determinado animal, antes de tocar em seus filhos, a fim de evitar que adoçam. Vê-se aqui uma conseqüência da noção de inter-relação entre os reinos da natureza, comum aos Kayapó. Algumas caças são reconhecidamente venenosas, sendo proibidas para todos os indivíduos da tribo.

Notamos também que cada pessoa, por causa de sua herança, tem algumas proibições de comidas. Por exemplo, um índio cujo nome comece com Bep não pode comer peixe chamado *Bemo* porque esse peixe é sagrado para ele. Cada linhagem tem seus “tabus”, que funcionam como um marcador semiótico, isto é, como auto-identificador simbólico de seu parentesco. Uma pessoa pode revelar sua linhagem através de sua dieta. Assim, essas proibições podem ter o mesmo papel da distribuição do aporte protéico entre os membros da comunidade.

CONCLUSÕES

A doença no mundo dos Kayapó é muito mais que uma simples relação entre o indivíduo e a doença. A boa saúde depende da harmonia entre as forças da natureza em geral, e o equilíbrio entre os espíritos dos homens e animais em particular. A manutenção dessa harmonia e equilíbrio depende da adesão às normas sociais e regras ecológicas. Doenças e curas funcionam para os Kayapó com a ligação simbólica e funcional entre os reinos naturais, o mundo espiritual e a sociedade humana. O indivíduo não está perdido em suas relações, já que cada Kayapó tem um papel ativo na sua própria saúde e conseqüentemente na de sua sociedade e seu meio ambiente natural.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem o apoio do CNPq, aos índios Kayapó de Gorotire, e, especialmente, ao Sr. Oiyó Kayapó, pela correção da ortografia Kayapó.

Tabela 1 - Doenças relacionadas com animais cuja caça pode ser venenosa. O nome do animal é sempre seguido da palavra kanê, indicando a doença relacionada a este animal.

Nome Kayapó	Nome Vulgar	Quem pode comer
Bãri kanê	Mergulhão	Ninguém
Krýtire kanê	Trairão	Solteiros e velhos
Tep punuti kanê	Pirarara	Velhos
Krýt kanê	Anta	Velhos
Kunap kanê	Jijum	Velhos
Krópi kanê	Pacumim	Ninguém
Moptýx kanê	Pequeno poraquê	Ninguém
Krýt du kanê	Bicudo	Velhos
Wamê kanê	Peixe	Velhos
Kammo ti kanê	Peixe	Velhos
Mokokti kanê	Peixe elétrico	Velhos
Hàktykti kanê	Pássaro não ident.	Velhos
Atoroti kanê	Nambuaçu	Ninguém
Mrýmýrý kanê	Jacumim	Velhos
Hàkkairkritti	Gavião-real	Velhos
Wamêtykti	Jimjum	Velhos
Krãjakati kanê	?	Velhos
Kêkàak	?	Ninguém
Apiêti kanê	Tatuzão	Cru ou frito dá vômitos e febre
Totn punuti	Tatu-bola	Ninguém
Kukéin kanê	Cutia	Velhos
Kubyt kanê	Guariba	Velhos
Angrô kanê	Porco	Mal assado dá diarréia
Angrôre kanê	Caititu	Idem
Ngra kanê	Paca	Solteiros e velhos
Wakôn kanê	Quati	Velhos

Tabela 2 - Doenças causadas direta ou indiretamente pelos animais.

A. Doenças causadas por picadas, mordidas ou ferroadas

Nome Kayapó	Nome do animal
Kangã kanê	Cobra
Pyka kanê	Cupim
Ê kanê	Aranha
Mryrykreyti kanê	Centopéia
Wet kanê	Escorpião
Wet kaak kanê	Escorpião
Makre kanê	Escorpião ou lacraia
Miéxét kanê	Arraia
Mi kanê	Jacaré
Bri poi kanê	Sapo

B. Doenças causadas pela ingestão de comidas previamente adulteradas por animais

Nome Kayapó	Comida infectada
Amiô kanê	O rato infecta a banana
Rop ja my krânti kanê	A raposa urina na banana
Bri poi kanê	O sapo urina na comida
Krokrokrê kanê	O papa-mel infecta o mel

C. Doenças que são transmitidas pelo contato com a urina, fezes, pêlos ou ossos de animais

Nome Kayapó	Modo de transmissão
Kunum kanê	As fezes da capivara causam coceira no corpo
Robmoti kanê	Os pêlos da onça vermelha causam coceira nos olhos

Tabela 3. Doenças específicas, conforme os sintomas.

Nome Kayapó	Doença provável
Meingot kanê	Furúnculo
Bây kanê	Tosse seca
Me miopmiop kanê	Coceira generalizada ou local
Me ãn gra kanê	Diarréia preta
Mengrãngrã kanê	Anemia
Tep prã djã	Verme
Me krã tokry kanê	Dor de cabeça
Me òn djã djã kanê	Insônia
Me krã kam kanê	Enxaqueca
Meno kanê	Conjuntivite
Kã ã kororo kanê	Tumor
Mewa kanê	Dor de dente
Me tyk djã	Fraqueza

Tabela 4. Doenças causadas pelo consumo em excesso de comida ou fumo.

Nome Kayapó	Nome em português	Causa
Mehn kanê	Doença de abelha	Mel em excesso
Kwÿrÿ kanê	Doença de mandioca	Mandioca verde
Me in kanê	Diarréia	Castanha, gordura em excesso
Karinhô kanê	Doença do fumo	Fumo em excesso

Tabela 5. Doenças relacionadas com espíritos de animais que foram mortos.

Nome Kayapó	Nome do animal
Häk metx kanê	Pássaro
Häk punu ti kanê	Pato selvagem
Mry mÿrÿ kanê	Jacumim
Mry ja kratx kanê	Pássaro
Kamri kanê	Garça
Mätire kanê	Arara
Mrê ê ti kanê	Onça pequena
Rop krore kanê	Onça pintada

Tabela 6. Doenças cujos sintomas, ou sinais, se parecem a uma característica do animal.

Nome Kayapó	Nome do animal	Doença provável
Krapân kanê	Jabutí	Reumatismo
Kukryt kanê	Anta	Dismenorréia
Pät kanê	Tamanduá	Vitiligo
Bri kanê	Sapo	Pele seca
O krên äin kanê	Galinha	Coceira na cabeça (trazida por brancos)
Mry bàri kanê	Boi	Gangrena?
Ngijadjy kanê	Veado	Epilepsia?

Tabela 7. Doenças de cachorro

Nome Kayapó	Doença
Rop re kumen kanê	O cachorro não caça tatu
Rope re kukryt kanê	O cachorro não caça anta
Rop re pät kanê	O cachorro não caça tamanduá
Rop kanê	O cachorro está com o olfato ruim

Tabela 8. Doenças de plantas

Nome Kayapó	Planta a que se refere
Tyryti kanê	Banana
Bay kanê	Milho
Yàt kanê	Batata-doce
Móp kanê	Inhame

Tabela 9. Modos de preparo dos remédios.

Maneira de preparo

A planta é colocada em água fria

A planta é colocada em água morna

A planta é colocada em água fria e ambos colocados para ferver

O sumo da planta é extraído

A planta é esquentada no fogo

A planta macerada é acrescentada à mistura de jenipapo e carvão e/ou ao urucum usados para pintura corporal

Tabela 10. Vias de administração dos remédios

Chá para beber (frio)

Chá para beber (quente)

Banho

Colocar a planta em cima do local afetado

Cheirar

Pingar nos olhos, nariz e ouvido

Passar no rosto

Passar no corpo

Amarrar a rama

Pingar o sumo da folha em cima do local afetado

Deitar em cima

Cheirar a fumaça

Ficar em cima da fumaça

Colocar no nariz

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, A. B. & POSEY, D.A. 1985. Manejo de campos e cerrados pelos índios Kayapó. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, Sér. Bot.*, Belém, 2(1):77-98.
- BAMBERGER, J. 1967. Environment and cultural classification. A study of the northern Kayapó. Cambridge, Harvard University. Tese de doutorado.
- BANNER, H. 1957. Mitos dos índios Kayapó. *Rev. Antropol.*, 5(1):81-95.
- ELIZABETSKY, E. 1986. Etnofarmacologia de algumas tribos brasileira In: RIBEIRO, B. (org.) *Suma Brasileira de Etnologia*. Rio de Janeiro, Vozes/Finep.
- ELIZABETSKY, E. & POSEY, D.A. 1989. Use of contraceptive and related plants by the Kayapó indians (Brazil). *J. Ethnopharmacol.*, 26(3):299-316.
- FOSTER, G.M. 1961. Diseases etiologies in non-western medical systems. *Am. Antrop.*, 78:773-782.
- GALLOIS, D.T. 1988. *O movimento na cosmologia Wayápi: criação, expansão e transformação do universo*. São Paulo, USP/FAC. Filosofia Letras e Ciências Humanas. Tese de doutorado.
- GRENAND, P. & GRENAND, F. 1981/1982. La medecine traditionnelle des Wayápi. *Cad. Sci. Hum. /ORSTOM*. 18(4):561-567.
- LUKESCH, A. 1976. *Mito e vida dos índios Caiapós*. São Paulo, Pioneira.
- METRAUX, A. 1973. *Religion y magias indígenas de America del Sur*. Valencia, Aguilar. (Colección Cultura e Historia)
- OREN, D.C. Recursos ornitológicos dos Kayapó de Gorotire. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, ser. Zool.* (no prelo).
- PETRERE, M. (s.d.) Nota sobre a pesca dos Kayapó na aldeia Gorotire rio Fresco. Pará, *Bol. Mus. Par. Emílio Goeldi, sér. Antropol.*
- POSEY, D.A. 1982a. The journey of a Kayapó Shaman. *J. Latin. Am. Indian Litt.* 6(3).
- POSEY, D.A. 1982b. Time, space and the interface of divergent cultures: The Kayapó indians of the Amazon face the future. *Rev. Antropol.*, 25:89-104.
- POSEY, D.A. 1984a. Indigenous Knowledge and development: An ideological bridge to the future? *Cienc. Cult.*, 37(7):877-894.
- POSEY, D.A. 1984b. Os Kayapó e a natureza. *Cienc. Hoje*. 2(2):34-41.
- TURNER, T. 1965. *Social structure and political organization among the Northern Cayapó*. Cambridge, Harvard University/Dep. of Social Relations. Tese de doutorado.
- WASSEN, S.H. 1979. On Concepts of disease among Amerindian tribal groups. *J. Ethnopharmacol.*, 1:285-293.

Recebido em 24.04.89
Aprovado em 26.06.91